

O uso das novas tecnologias

Mariluce Salles*

Sabemos que, no Brasil, desde a última década, configura-se uma nova forma de pensar a educação em que os papéis de ensinar e aprender se redefinem. A interação dos alunos com as novas tecnologias nos coloca diante de uma nova forma de aprendizagem, através da qual eles se conectam com o mundo de uma maneira distinta de décadas atrás.

Nossos estudantes, em geral, dominam as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) de uma forma muito dinâmica: ao mesmo tempo, falam em iPhones, acessam seus notebooks, ouvem músicas em iPods e ainda interagem com diversas pessoas através das redes sociais.

Isso se torna um desafio para a escola, para onde os estudantes também levam todas as informações adquiridas. Como, então, transformar tais informações em conhecimento, de modo a permitir que as crianças efetivamente aprendam? Reven- do as diversas concepções de aprendizagem, explicadas por vários autores, é fácil perceber que todas sempre buscaram res- ponder a essa pergunta.

Há mais de 3000 a.C., Aristóte- les dizia que a pessoa necessita de experiências ao longo da vida para que desenvolva o aprendi- zado. Dessa forma, o professor é quem detém o conhecimento. E essa concepção perpassou por séculos, subsidiando conceitos de outros pensadores.

No Brasil, Paulo Freire defendia que educar não é somente “de- positar” conteúdos na cabeça dos alunos, processo denominado por ele de educação bancária. Essa ideia supera concepções anterio- res, em que o professor era visto como único protagonista do sa- ber. Contribuições de outros au-



tores, como Vygotsky, nos levam a perceber que a aprendizagem se dá através do contato com o outro e com o próprio conhecimento. Nesse processo, o professor é visto como o facilitador da aprendizagem.

Atualmente, então, pode-se dizer que, para que toda informação disponível seja transformada em conhecimento, o professor deve enxergar as potencialidades que as novas TICs trazem, facilitando o desenvolvimento de competências e habilidades em seus alunos, pois estes já chegam à escola com o pensamento estruturado, propiciado pelo acesso às tecnologias, que permitem que eles interajam com vários assuntos.

Portanto, o acesso à tecnologia dentro do ambiente escolar

deve ser priorizado para que o estudante não se sinta deslocado daquilo que, para ele, já é algo natural.

Nesse sentido, aquele docente que não incorporar as potencialidades das novas TICs à sua prática pedagógica, reconhecendo a nova concepção de aprendizagem, terá abismo entre ele e seus alunos. De uma forma geral, sabemos que a formação inicial não prepara o docente para essa nova tendência.

Assim, cabe ao próprio professor se preparar para lidar com a linguagem das novas tecnologias e aplicar significado nas salas de aula, integrando-se à nova realidade. Para isso, o investimento em cursos de formação torna-se essencial, bem como pesquisas constantes na área. Agindo nesse

sentido, o educador poderá investigar suas práticas e verificar de que maneira elas contribuem para a formação de cidadãos críticos e participativos.

O maior desafio, entretanto, é que o professor seja criativo e inovador e esteja sempre em busca de novos conhecimentos. Isso significa romper com metodologias que não reconhecem o aluno como protagonista de seu próprio conhecimento.

Como Paulo Freire já nos dizia, é preciso que os alunos se transformem “em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”. ■

*Pedagoga do Portal Educar Brasil

www.educarbrasil.org.br